

ÍNDICE

Matar Um Elefante (“Shooting an Elephant”, 1936)	11
Em Defesa do Romance (“In Defence of the Novel”, 1936)	19
Marraxeixe (“Marrakech”, 1939)	27
Dentro da Baleia (“Inside the Whale”, 1940)	35
Tolstoi e Shakespeare (“Tolstoy and Shakespeare”, 1941)	77
Wells, Hitler e o Estado Mundial (“Wells, Hitler and the World State”, 1941)	83
A Redescoberta da Europa (“The Rediscovery of Europe”, 1942)	91
T. S. Eliot (“‘Burnt Norton’, ‘East Coker’, ‘The Dry Salvages’ by T. S. Eliot, 1942)	103
Recordações da Guerra Civil Espanhola (“Looking Back on the Spanish War”, 1943)	111
B. H. Liddell Hart — <i>The British Way in Warfare</i> (“ <i>The British Way in Warfare</i> by B. H. Liddell Hart”, 1942)	135
Entrevista Imaginária com Jonathan Swift (“Imaginary Interview: George Orwell and Jonathan Swift”, 1942)	139
Podem os Socialistas Ser Felizes? (“Can Socialists Be Happy?”, 1943)	147
Gandhi num Bairro Aristocrático (“Gandhi in Mayfair”, 1943)	155
Privilégio do Clero: Algumas Notas sobre Salvador Dalí (“Benefit of Clergy: Some Notes on Salvador Dalí”, 1944)	167
A Poesia e o Microfone (“Poetry and the Microphone”, 1945)	179
Em Defesa da Cozinha Inglesa (“In Defence of English Cooking”, 1945)	189
Em Defesa de P. G. Wodehouse (“In Defence of P. G. Wodehouse”, 1945)	193
Notas sobre o Nacionalismo (“Notes on Nationalism”, 1945)	209
O Que É a Ciência? (“What Is Science?”, 1945)	231

Bons Maus Livros (“Good Bad Books”, 1945)	235
A Política e a Língua Inglesa (“Politics and the English Language”, 1946)	241
O Declínio do Assassinato na Grã-Bretanha (“Decline of the English Murder”, 1946)	257
Uma Boa Chávena de Chá (“A Nice Cup of Tea”, 1946)	263
Culinária Britânica (“British Cookery”, 1946)	267
Henry Miller, <i>O Olho Cosmológico</i> (“ <i>The Cosmological by Henry Miller</i> ”, 1946)	285
Diante do Nariz (“In Front of Your Nose”, 1946)	291
James Burnham e a Revolução Diretiva (“James Burnham and the Managerial Revolution”, 1946)	297
Confissões de Um Crítico de Livros (“Confessions of a Book Reviewer”, 1946)	321
Porque Escrevo (“Why I Write”, 1946)	325
Política <i>versus</i> Literatura: Uma Análise das <i>Viagens de Gulliver</i> (“Politics vs. Literature: An Examination of <i>Gulliver’s Travels</i> ”, 1946)	335
Como Morrem os Pobres (“How the Poor Die”, 1946)	357
Lear, Tolstoi e o Bobo (“Lear, Tolstoy and the Fool”, 1947)	369
Prefácio para a Edição Ucrâniana de <i>Animal Farm</i> (“Preface to the Ukrainian Edition of <i>Animal Farm</i> ”, 1947)	387
Rumo à União Europeia (“Toward European Unity”, 1947)	393
Reflexões sobre Gandhi (“Reflections on Gandhi”, 1949)	401
Sobre a Concessão de Um Prémio a Ezra Pound (“The Question of the Pound Award”, 1949)	411
Evelyn Waugh (“Evelyn Waugh”, 1949)	413

Ensaio Escolhidos



Matar Um Elefante

Em Moulmein, na Baixa Birmânia, fui odiado por muita gente — a única vez na vida em que fui suficientemente importante para tal. Era o oficial da polícia na subdivisão da cidade, onde o sentimento antieuropeu, ainda que de um modo mesquinho e difuso, era bastante forte. Ninguém tinha coragem para organizar um motim, mas se uma mulher europeia andasse sozinha pelos bazares era provável que alguém lhe cuspsse para cima suco de bétele. Enquanto oficial da polícia, eu era um alvo óbvio e era apoquentado sempre que o infrator sentia poder fazê-lo sem riscos. Quando um ágil birmanês me rasteirava no campo de futebol e o árbitro (também birmanês) fazia vista grossa, a assistência exultava em medonhas gargalhadas. Aconteceu mais do que uma vez. Para o final, o sorriso escarninho dos jovens poltrões que se cruzavam comigo, os apupos que me gritavam quando se viam a uma distância segura, afetaram-me seriamente os nervos. Os jovens sacerdotes budistas eram os piores de todos. Havia-os aos milhares na cidade e nenhum deles parecia ter mais nada para fazer do que parar pelas esquinas e troçar dos europeus.

Tudo isto era para mim fonte de perplexidade e perturbação, pois nessa altura eu já chegara à conclusão de que o imperialismo é uma coisa má, e que quanto mais depressa me livrasse daquele emprego e saísse dali, melhor. Teoricamente — e em segredo, claro — eu era completamente a favor dos birmaneses e contra os britânicos, seus opressores. Quanto ao meu trabalho, odiava-o mais amargamente do que seria talvez capaz de explicar. Num emprego como aquele observamos de perto o trabalho sujo do império. Os infelizes pre-

sidiários amontoados em jaulas fedorentas, os rostos pardacentos, amedrontados, dos condenados a longas penas, os traseiros cicatrizados dos que haviam sido sentenciados a vergastadas com canas de bambu — tudo isso me oprimia com um insuportável sentimento de culpa. Mas eu não conseguia pôr nada em perspectiva. Era jovem, tivera uma educação deficiente, e tinha de considerar os meus problemas no absoluto silêncio que é imposto aos ingleses no Oriente. Nem sequer sabia que o império inglês está a morrer, e muito menos sabia que é bastante melhor do que os impérios que o vão suplantar. Tudo o que sabia era que estava entalado entre o ódio ao império ao serviço do qual trabalhava e a fúria contra os perversos brutinhos que tudo faziam para tornar impossível o meu trabalho. Por um lado, via o Raj britânico como uma tirania inamovível, como algo que se impunha, *per saecula saeculorum*, à vontade de povos prostrados; por outro lado, pensava que um dos maiores prazeres da vida seria espetar uma baioneta no bucho dum sacerdote budista. Sentimentos como estes eram o normal subproduto do imperialismo; senão, pergunte-se a qualquer oficial anglo-indiano, num momento em que não esteja de serviço.

Um dia aconteceu algo que, embora de forma indireta, constituiu para mim uma revelação. Em si, o incidente teve escassa importância, mas ajudou-me a compreender melhor a natureza do imperialismo — os verdadeiros motivos que determinam as ações dos governos despóticos. De manhã cedo, o subinspetor de um posto de polícia do outro lado da cidade telefonou-me e disse que um elefante andava a destruir o bazar. Importava-me de ir até lá para tentar resolver o problema? Eu não sabia o que poderia fazer mas como queria ver o que se passava subi para um pónei e dirige-me para o local. Levei a minha espingarda, uma velha Winchester 44, demasiado fraca para matar um elefante mas pensei que o ruído podia ser útil *in terrorem*. Durante o trajeto, vários birmaneses pararam-me para me contar o que o elefante andava a fazer. Não se tratava, é claro, de um elefante selvagem mas de um elefante domesticado que entrara no frenesim a que chamam *must*. Fora acorrentado, como sempre se faz aos elefantes nessas circunstâncias, mas na noite anterior quebrara as correntes e fugira. O seu cornaca, a única pessoa capaz de o controlar quando se enfurecia, partira no seu encalço mas tomara a

direção errada e encontrava-se agora a doze horas de distância, e de manhã o animal reaparecera de súbito na cidade. Como a população birmanesa não possuía armas de fogo, não tinha como se defender. O paquiderme já arrasara uma choupana de bambu, matara uma vaca e derrubara algumas bancas de fruta, devorando a mercadoria; além disso, cruzara-se com a carrinha municipal de recolha do lixo e, depois de o motorista se ter posto em fuga, virara-a e começara a destruí-la.

O subinspetor birmanês e alguns polícias indianos estavam à minha espera no bairro onde o elefante fora visto. Era um bairro muito pobre, um labirinto de sórdidas choupanas de bambu, com telhados de folha de palma, serpenteando por toda uma encosta abrupta. Lembro-me que estava uma manhã enevoadada e sufocante, antes do começo da estação das chuvas. Começámos a interrogar as pessoas sobre o paradeiro do elefante e, como habitualmente, não conseguimos obter qualquer informação precisa. É isto o que sucede, invariavelmente, no Oriente: à distância, uma história parece suficientemente clara, mas quanto mais nos aproximamos do local dos acontecimentos, mais vaga ela se torna. Uns disseram que o elefante tinha ido nesta direção, outros que tinha ido naquela, e havia mesmo quem alegasse não ter ouvido falar de elefante nenhum. Estava eu quase convencido de que toda aquela história não passava dum chorilho de mentiras quando ouvi gritos nas imediações. Alguém gritava de forma plangente “Saíam daqui, crianças! Saíam daqui imediatamente!”, e uma velhota com uma chibata na mão dobrou a esquina duma choupana e enxotou um grupo de crianças despidas. Outras mulheres apareceram atrás, fazendo estalar a língua, num grande clamor; era evidente que havia ali algo que as crianças não deviam ver. Contornei a choupana e vi o cadáver de um homem esparramado na lama. Era um jornaleiro indiano, um dravidiano de pele escura, quase nu, e não podia estar morto há mais do que alguns minutos. As pessoas disseram que o elefante investira sobre ele de repente, ao virar duma esquina, agarrara-o com a tromba, pusera-lhe uma pata sobre as costas e esmagara-o contra o solo. Estávamos na estação das chuvas, a terra estava fofa, e a cara do homem abrira no solo um sulco com um palmo de profundidade e dois metros de comprimento. O homem estava de barriga para baixo, com os braços em cruz e a

cabeça torcida para um dos lados. Tinha a cara coberta de lama, os olhos abertos, os dentes à mostra e um esgar de insuportável sofrimento. (Já agora, não me venham falar de mortos que parecem estar em paz. A maioria dos que vi tinham uma expressão demoníaca.) A fricção da pata do elefante arrancara-lhe toda a pele das costas, como se esfolava um coelho. Assim que vi o morto, mandei uma ordenança a casa de um amigo meu, que morava nas imediações, para lhe pedir emprestada uma espingarda de caçar elefantes. Já tinha mandado para trás o pónei, pois não queria que ele ficasse louco de terror e me atirasse ao chão ao sentir o cheiro do elefante.

A ordenança regressou poucos minutos depois com uma espingarda e cinco cartuchos, e entretanto alguns birmaneses tinham-nos vindo dizer que o elefante se encontrava nos arrozais, a escassas centenas de metros. Quando avancei, praticamente toda a população do bairro saiu das suas casas e veio atrás de mim. Tinham visto a espingarda e comentavam animadamente que eu ia matar o elefante. Não haviam mostrado grande interesse pelo elefante quando ele se limitara a destruir-lhes as casas, mas agora, que ia ser alvejado, era diferente. Era uma espécie de entretenimento para eles, tal como o seria para uma multidão inglesa; além disso, estavam interessados na carne do animal. Senti-me algo inquieto. Eu não tinha intenção de disparar contra o elefante — só mandara buscar a espingarda para me defender, caso fosse necessário — e é sempre enervante ter uma multidão atrás de nós. Comecei a descer a colina, com um aspeto ridículo e perfeita consciência disso, de espingarda ao ombro e com um exército cada vez maior de pessoas acotovelando-se atrás de mim. Ao fundo, depois de nos afastarmos das choupanas, havia uma estrada de cascalho, diante da qual se estendia a planura lamacenta de um campo com um quilómetro de largura, ainda por lavar mas empapado pelas primeiras chuvas e salpicado de ervas agrestes. O elefante estava a uns oito metros da estrada, com o flanco esquerdo virado para nós. Não deu a menor importância à chegada da multidão. Estava a arrancar feixes de ervas, batendo-os contra os joelhos para os limpar antes de os atirar para dentro da boca.

Eu tinha parado na estrada. Assim que vi o elefante, soube com toda a certeza que não devia alvejá-lo. Matar um elefante de trabalho é um assunto sério — comparável a destruir uma enorme e dispen-